

# **“Vender o almoço para comprar a janta” coisa nenhuma!\***

*Heitor Luique Ferreira de Oliveira\*\**

*Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil*

## **Resumo**

O presente ensaio apresenta um diálogo entre o conto *1997* (o primeiro do livro *Vacaciones Permanentes*, de Liliana Colanzi) que está ambientado em Santa Cruz de la Sierra —maior cidade da Bolívia e centro comercial do País— e o episódio *La Paz* —capital da Bolívia—, o sexto e último da série documental “Comida de Rua: América Latina” (Netflix). Para além do locus, o ponto de contato entre eles se dá a partir do fracassado ingresso do McDonald’s na Bolívia e das discussões decorrentes desta simbólica chegada que traz consigo um ideal de globalização. Assim sendo, a reflexão intertextual, auxiliada pelo palestino Edward Said e pelo sul-coreano Byung-Chul Han (teóricos não ocidentalizados), almeja analisar os violentos efeitos do imperialismo, especialmente, sobre as mulheres, e como elas, as quais desempenham distintos papéis sociais nas obras, respondem produzindo um discurso cultural de desconfiança a fim de defender “sua paz” e reconfigurar seus espaços. Definitivamente, a interlocução literária-cinematográfica nos confrontará com o real.

*Palavras-chave:* territórios coloniais, violência, reivindicação feminina, pós-imperialismo, literatura latino-americana, comida.

---

\* Ensaio produto de um trabalho de mestrado em *Estudos Literários* realizado, no semestre 2023.1, para a disciplina *Tópicos Avançados IV – Linha de Pesquisa (I) Literatura, Crítica e Cultura*, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais, Brasil); porém revisado para o envio a esta revista. / *Vender o almoço para comprar a janta* é uma expressão tipicamente brasileira, que retrata alguém em delicada situação financeira e/ou em condição socioeconômica vulnerável, alguém que se vira com o que tem, mas é consciente que tem pouco e que precisa sair dessa fase. Em um sentido mais literal, refere-se a uma pessoa que não consegue garantir a si mesmo o pão de cada dia e, às vezes, precisa escolher entre almoçar ou jantar. / *Coisa nenhuma* é uma enfática expressão de negação, de discordância, podendo significar: “de modo algum”; “nada disso”; “não, não”.

\*\* Mestrando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação de Estudos Literários, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais, Brasil): heitorluique.fo@gmail.com

## Resumen

El presente ensayo presenta un diálogo entre el cuento *1997* (el primero del libro *Vacaciones Permanentes*, de Liliana Colanzi) que está ambientado en Santa Cruz de la Sierra —ciudad más grande de Bolivia y centro comercial del País— y el episodio *La Paz* —capital de Bolivia—, el sexto y último de la serie documental “Comida callejera: Latinoamérica” (Netflix). Para además del locus, el punto de contacto entre ellos se da a partir del fracasado ingreso de McDonald’s en Bolivia y de las discusiones recurrentes de esta simbólica llegada que trae consigo un ideal de globalización. Así siendo, la reflexión intertextual, auxiliada por el palestino Edward Said y por el surcoreano Byung-Chul Han (teóricos no occidentalizados), ambiciona analizar los violentos efectos del imperialismo, especialmente, sobre las mujeres, y como ellas, las cuales desempeñan distintos roles sociales en las obras, responden produciendo un discurso cultural de desconfianza a fin de defender “su paz” y reconfigurar sus espacios. Definitivamente, la interlocución literaria-cinematográfica nos confrontará con lo real.

*Palabras clave:* territorios coloniales, violencia, reivindicación femenina, posimperialismo, literatura latinoamericana, comida.

## Abstract

This essay presents a dialog between the short story *1997* (the first in the book *Vacaciones Permanentes*, by Liliana Colanzi), which is set in Santa Cruz de la Sierra —the largest city in Bolivia and the country’s commercial center— and the episode *La Paz* —capital of Bolivia— the sixth and final one in the documentary series “Street Food: Latin America” (Netflix). Beyond the locus, the point of contact between them comes from the failed entry of McDonald’s into Bolivia and the discussions arising from this symbolic arrival that brings with it an ideal of globalization. Thus, the intertextual reflection, aided by the *Palestinian* Edward Said and the *South Korean* Byung-Chul Han (non-Western theorists), aims to analyze the violent effects of imperialism, especially on women, and how they, who play different social roles in the works, respond by producing a cultural discourse of mistrust in order to defend “their peace” and reconfigure their spaces. In short, the literary-cinematographic interlocution will confront us with reality.

*Keywords:* colonial territories, violence, women’s demands, post-imperialism, Latin American literature, food.

“Aqui é a felicidade, aqui é o inferno.

Na terra é tudo.” (*Chola Emiliana*)

## Os ingredientes

(I) O conto *1997*. Primeira de sete estórias do livro *Vacaciones Permanentes* da boliviana Liliana Colanzi (2010), que corre no ano intitulado e que nos apresenta Analía, a protagonista deste e de outros contos da mesma obra. Embora cada uma das estórias pode ser lida de modo independente, juntas elas tecem uma rede narrativa de maior extensão e complexidade. Apesar da potência do livro como um todo, a análise se centrará em *1997* “apenas”: O novo milênio porvir acentua o sonho da modernidade e do progresso em toda Bolívia, sobretudo em Santa Cruz de la Sierra, referência econômica e cosmopolita do País, cidade que, supostamente, recebe em primeira mão as novidades advindas das nações “de primeiro mundo” e onde vive a jovem Analía com sua endinheirada família, a qual vai minguando financeiramente e se desmantelando ao passo que o conto avança. A adolescente, com olhar sincero e certo atrevimento, faz um movimento de dentro para fora, escapando cada vez mais do seio familiar e atirando-se numa sociedade de verdades silenciadas, desejos insatisfeitos e intolerâncias diversas, características que se exteriorizam e se borram, num jogo crepuscular e agriadoce. Como se pode imaginar, o desengano é, invariavelmente, o ponto de chegada desse caminho que Analía traça enquanto se distancia de casa e, ao mesmo tempo, da euforia juvenil. Para as finalidades deste ensaio é interessante ler as vivências de Analía com a lupa do conflito de classes: sua origem privilegiada e sua circulação por diferentes camadas sociais coloca em perspectiva as relações laborais a partir da ótica do opressor e também do subordinado.

(II) O episódio *La Paz*, o qual encerra a temporada “América Latina” da série documental *Comida de Rua*. Uma produção da plataforma Netflix que propõe —entre outros— um olhar sociológico a pratos marcantes das cidades pelas quais passa, pratos que fogem da sofisticação tendenciosa na preparação contemporânea da comida e que, no entanto, correspondem à história de um povo, de uma região e/ou de uma luta; ademais, pratos que respeitam um ritual de preparo e prezam, sobremaneira, pelo sabor e pela qualidade, sem se descuidar do aspecto. Os episódios progridem por meio de um(a) protagonista —sempre real—, a partir dele(a) se estabelece diálogo com cozinheiros(as) secundários(as), porém não menos capazes, os(as) quais, anterior e concomitantemente a cozinheiros(as), são pessoas e sujeitos do mundo que enriquecem a natureza antropológica do enredo.

*La Paz* fechou a série com chave de ouro, obviamente não foi uma escolha vã, não poderia ser outro lugar, não haveria outra tampa para a panela. Nenhuma das cinco localidades anteriores (uma para cada episódio) diz tanto sobre si mesmo através da comida como a capital da Bolívia, que não só valoriza seus pratos nativos, suas refeições originais, seus lanches de rua, como também, com eles, repele qualquer proposta culinária medíocre, pasteurizada, pálida; e não tolera aquilo que se diz comida mas não é.

## Modo de preparo

Misturar-se-á as duas obras artísticas anteriores, de modo que, em fogo baixo, poderão enriquecer-se. Acredita-se que as propriedades peculiares a cada uma quando somadas resultarão numa apetitosa reflexão, sem notas insossas. O suporte de teóricos como Edward Said e Byung-Chul Han fará dar ligação à análise intertextual que pretende superar as conquistas individuais alcançadas por *1997* e por *La Paz* quando digeridos isoladamente. O ensaio combina literatura e produção audiovisual no âmbito boliviano a fim de tratar temáticas amargas, sem o intuito de amenizá-las, as quais seriam: a luta pelos espaços públicos, o comércio ambulante, o direito ao trabalho —e ao descanso—, a preservação do palato ancestral em detrimento de alimentos fordistas e, operando sobre os tópicos anteriores, o engodo da globalização e as práticas coloniais-sexistas. Cabalmente, trata-se de uma discussão sociopolítica aparentemente ampla, mas que se forja ao redor de um elemento banal e sagrado: a comida.

Enfim, aqui se encerra a breve contextualização, o recebimento do(a) leitor(a) e a tentativa de acomodação do(a) mesmo(a). Saímos das entradinhas, dos petiscos, e passemos ao prato principal.

## Destemperou?

Nas linhas iniciais do conto *1997* se lê: “McDonald’s abriu o primeiro restaurante no país [...] ‘É boa essa comida, senhora?’, perguntou o chofer à mamãe [...] ‘se eles vieram significa que, enfim, chegou a civilização’ [disse a mãe da narradora-personagem]. Assim

que tínhamos McDonald’s e engarrafamentos como qualquer país de primeiro mundo” (Colanzi, 2010, p. 13, tradução própria)<sup>1</sup>.

A colonização culinária não avançou à nona esquina nem ao quinto ano — ou ao sétimo ano, nota-se divergência dependendo da referência: talvez, em 1995, o McDonald’s tenha aberto sua primeira loja na Bolívia, esta sim na capital La Paz<sup>2</sup> (lembrando, o conto se passa em Santa Cruz de la Sierra). Em 2002, as oito lojas que chegaram a abrir já estavam de portas fechadas com minguadas esperanças de retomada. A colossal rede de *fast food* estado-unidense fracassou proporcionalmente a seu tamanho, e tudo indica que a chegada pretensiosa desprezou o básico em seus estudos prévios: conhecer os sabores locais e as pessoas que, “em La Paz, preferem muitíssimo mais a comida tradicional [...], prefeririam beber e comer, ao invés de hambúrguer com batata frita [industrializado], um bom *api* com *buñuelos*” (Marsia Taha)<sup>3</sup>, assim sendo, a expedição insípida e burlesca de Ronald e sua trupe foi despejada altitude abaixo.

A queda do grande império de sanduíches, infelizmente, não significou muito mais do que isso, não levou consigo outros vícios colonizantes. Cinco anos antes da bancarrota da turma do “[...] queijo, molho especial, cebola, picles e pão com gergelim”<sup>4</sup>, no fatídico 1997, a Bolívia elegia Hugo Banzer: “o povo votou nas presidenciais pelo General ancião, e no meio da festa foram poucos os que se lembraram dos toques de recolher, do terror e dos mortos” (Colanzi, 2010, p. 14). Vinte

---

<sup>1</sup> Todas as traduções —do espanhol para o português— serão de responsabilidade minha, do autor. A partir daqui, todas as citações originalmente em espanhol serão trasladadas ao português sabendo-se que se trata de uma “tradução própria”.

<sup>2</sup> [blog.hurb.com/entenda-por-que-os-bolivianos-expulsaram-o-mcdonalds-do-pais/](http://blog.hurb.com/entenda-por-que-os-bolivianos-expulsaram-o-mcdonalds-do-pais/) (1995) versus [www.cronista.com/apertura/empresas/por-que-fracaso-mcdonalds-en-bolivia-historia-de-un-cierre-anunciado/](http://www.cronista.com/apertura/empresas/por-que-fracaso-mcdonalds-en-bolivia-historia-de-un-cierre-anunciado/) (1997).

<sup>3</sup> Fala retirada, a partir dos 11 minutos e 04 segundos, da série documental “Comida de Rua: temporada América Latina” (Netflix, 2020), episódio seis (*La Paz, Bolívia*). / Marsia Taha é uma chefe de cozinha defensora dos sabores ancestrais e do papel transformador da gastronomia.

<sup>4</sup> Fragmento do *Jingle* (musiquinha publicitária) que, provavelmente, marcou uma geração nos anos 90, durante os disputados comerciais televisivos: [www.youtube.com/watch?v=Am3Iojvw08Q](https://www.youtube.com/watch?v=Am3Iojvw08Q).

seis anos depois de aplicar um golpe de estado abertamente apoiado pelos Estados Unidos, o ditador voltava à presidência do país, porém, desta vez, com parcial chancela do povo e sem interferência explícita dos ianques. O seu segundo governo foi sincrônico à duração do McDonald's no país e recebeu a mesma desconfiança que a big lanchonete, o presidente conviveu com duras ondas de protestos sociais, às quais o mandatário, em nome da *civilização*, tentou deter com estado de sítio, em abril do ano 2000; todavia, não obteve sucesso, ao contrário, a intenção de autoritarismo fez com que as manifestações reagissem com mais vigor.

A referida civilização que, em verdade, já se encontrava antes por lá, não foi embora com o McDonald's<sup>5</sup>. Ela permaneceu de mãos dadas com o engarrafamento e com o “terceiro mundo”, talvez faltasse à *civilização* um gosto, coube ao McDonald's lhe atribuir — ainda que um gosto duvidoso, eventualmente similar à fala azeda de um colonialista francês:

É necessário, pois, aceitar como princípio e ponto de partida o fato de que existe uma hierarquia de raças e civilizações, e que nós pertencemos à raça e civilização superior [...] A legitimação básica da conquista de povos nativos é a convicção de nossa superioridade, não simplesmente nossa superioridade mecânica, econômica e militar, mas nossa superioridade moral. Nossa dignidade se baseia nessa qualidade, e ela funda nosso direito de dirigir o resto da humanidade. O poder material é apenas um meio para esse fim. (Harmand, 1910, citado por Said, 2011, p. 38)

Apesar de vociferada há mais de um século, trata-se de uma ideia que encontra eco, dissabores, adaptações e paráfrases, facilmente identificáveis, até a atualidade; mais do que isso, revive no imaginário colonial a necessidade de que “venham nos salvar, venham nos tirar

---

<sup>5</sup> É preciso ser dito que, atualmente, em 2024, existem lojas Burguer King tanto em La Paz quanto em Santa Cruz de la Sierra, algumas poucas, mas existem. A Bolívia não conseguiu escapar desta outra gigante do *fast food*: “o que tem de ser decidido é se a antiglobalidade pode ou não continuar a ser forte o suficiente para opor-se de maneira efetiva à força controladora do latino-americanismo” (Moreiras, 2001, p. 44).

do primitivismo”, como indica o comentário da mãe da narradora-personagem transcrito na citação literária que abre esta seção.

À medida que transcorre o conto, Analía (a narradora-personagem) vai deixando vestígios da contaminação provocada pela *civilização* em variadas relações sociais, desde micro cenas privadas a macro cenas públicas, analisemos uma de cada, respectivamente: (I) “Eram tempos distintos, mamãe mantinha duas empregadas em casa, além da cozinheira [...], e sempre dava um jeito de lhes exigir muito e de lhes pagar pouco” (Colanzi, 2010, p. 14): esse relato literário tem espaço de conexão com Edward Said (2011, p. 90), “[com] os fatos do império [que] estão associados à possessão sistemática, a espaços [...] por vezes desconhecidos, a seres humanos excêntricos ou inaceitáveis [...] Os territórios coloniais são campos de possibilidades”. Ao fim e ao cabo, a mãe de Analía, quando não remunera justa ou adequadamente –nem de longe– as suas domésticas, na condição de poder que ocupa, está tomando sistemática posse de suas funcionárias. Ou seja, ela vale-se das mãos de obra em horas não pagas, configurando-se possessão sistemática em espaço desconhecido, que, neste caso, é o espaço privado, o qual “se desconhece” por não ressoar na esfera pública, mantendo e protegendo-se nisto e por isto.

O recorte do lar, então, é um *campo de possibilidade* do território colonial, ali se revivem práticas defasadas e desumanas para com as serviscais e, além disto, ali se respeitam os estereótipos predeterminados e preconceituosos para os cargos em tensão, a ver: os ditos *serviçais* apresentam origens sociais e aproximações étnicas que vêm com a premissa de “aptos para serem explorados”, e os patrões atendem outras origens sociais e aproximações étnicas que vêm com a premissa de “aptos para exercerem a exploração”: entre si, os grupos constituem-se opostos, o primeiro, seguindo Harmand (1910, citado por Said, 2011), estaria relacionado com os nominados “povos nativos” e o segundo com a tal “raça-civilização superior”, fato que daria ao último o aval para dirigir o inicial, sendo o poder material (principal e atualmente o dinheiro) apenas um meio para esse fim<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Sugere-se a leitura do conto *A cara do emprego* (de Fatou Diome, 2001): outro fato literário que retrata essa situação.

Para conclusão deste tópico, vejamos um detalhe não menor: a mãe de Analía. Esta que não tem nome mencionado no conto em estudo é, ela sim, um ser humano *excêntrico* e *inaceitável*, pois, além de outras coisas, “uma vez, em um chá com suas amigas, brincaram de contar quem havia feito chorar a mais empregadas” (Colanzi, 2010, p. 14): um joguinho entre madames que não somente exercem verticalmente o poder, mas o fetichizam, o praticam sadicamente, como um dia —não muito distante— já fizeram os senhores de escravo.

Passemos ao segundo trecho de análise, que é muito breve no seu desenrolar: (II) “O negócio do meu pai andava de maravilhas. O General lhe havia concedido mais terras do que [...] nunca” (Colanzi, 2010, p. 21), é sabido que tal prática remonta ao feudalismo da Europa Ocidental dos séculos V a XV, modelo econômico e social baseado na terra e na relação de fidelidade entre homens e que tem aproximações com as sesmarias (se pensamos a partir do Brasil), as quais germinaram a cultura latifundiária, a cultura *Agro*.

As duas passagens vistas no parágrafo anterior denotam heranças coloniais geradoras de grandes desigualdades sociais, revelam modos de operar promovidos pela *civilização*, por países que se julgavam/julgam moralmente superiores e que, por conseguinte, seriam capazes de organizar o mundo, atenuando o primitivismo e as barbáries ao longo de todo planeta Terra: “Mais importante do que o próprio passado, portanto, é sua influência sobre as atitudes culturais do presente” (Said, 2011, p. 38). Em outros termos: Mais importante do que o próprio passado é “relativizar” o passado, no sentido de que ele não é tão passado assim; quiçá não estejamos num período histórico tão deslocado como julgamos: “já estamos em 2024 e isso ainda acontece?!”; na verdade, *ainda estamos em 2024...*

## Bárbaros sabores

Comer McDonald’s é uma experiência civilizada, pois, encaixotada, polida, padronizada, previsível, operacionalizada e sanitizada; sobretudo é uma experiência civilizada porque todos os atributos anteriores são comercializados, estão embutidos no preço.

Escolhe-se, aqui, discutir um pouco mais o aspecto *sanitização*: Numa sociedade “obcecada, tarada em limpeza e higiene” (Han, 2019, p. 19), é esperado que o McDonald’s, com seus rigores de asseio, arrebate uma boa clientela só por esse fator. Todavia, isso não foi preponderante na Bolívia: a comida rápida, pragmática e desumanizada fere o carinho, o tempero e a mão<sup>7</sup> colocados no ato de cozinhar boliviano, e se isso ainda resiste é preciso listar essa resistência entre atos decoloniais: “quando se tenta, por características gerais, caracterizar as coisas que nossa cultura tornou impossível, por assim dizer, às escondidas, chama a atenção de pronto que essas coisas dessa própria cultura, sob o sinal da repulsa, geralmente sejam experimentadas como sujas” (Pfaller, 2008, p. 11, citado por Han, 2019, p. 19). Entretanto, os bolivianos parecem provar ao contrário com e na sua própria cultura, ao menos na culinária<sup>8</sup>.

Na série documental *Street Food*, temporada América Latina, podem-se conhecer as tradições culinárias de rua de La Paz. A obra cinematográfica é uma criação original dos estúdios Netflix que merece reconhecimento e apreciação; a produção foge completamente das *gourmetizações* (Lourenço, 2016) e do modo “receita” de apresentar programas de cozinha. Ainda que, aos poucos, o telespectador chegue a conhecer todos (ou quase todos) ingredientes do prato X ou Y, o foco está na comida como manifestação cultural, como a construção de um saber tradicional, como um acontecimento sociológico. A imersão nas cidades escolhidas, a trajetória de vida de cada cozinheira(o) e a fuga da “alta culinária” estetizada oferecem a todo episódio um caráter antropológico, que, destarte, superam os limites da cozinha

---

<sup>7</sup> Não existe qualquer aspiração deste ensaio em diminuir a importância da higiene nos processos culinários, porém a ideia de *limpeza* na nossa sociedade foi levada às últimas consequências e se deslocou para muito além do seu campo de atuação, é o que reflete Byung-Chul Han (2019) em “A salvação do belo” e que reaparecerá oportunamente adiante.

<sup>8</sup> Em diálogo com a imediatamente anterior *nota 7*, sugere-se a leitura de “Os perigos de comer na rua”: uma análise das condições de higiene da culinária urbana de La Paz e El Alto (O presente trabalho não pactua com o sensacionalismo e a generalização do título da reportagem); segue o link: [elpais.com/elpais/2018/06/21/planeta\\_futuro/1529601243\\_055471.html](http://elpais.com/elpais/2018/06/21/planeta_futuro/1529601243_055471.html).

e criam laços com particularidades regionais, com crenças variadas e, claro, com nosso hábito mais primitivo: comer, contudo, comer ciente do que se está comendo, com respeito e com atenção ao ato e a seus estímulos sensoriais, comer rememorando e se lambuzando, contrariando à lógica *fast food* e à experiência civilizada, e a Bolívia levou isso deliciosamente a sério.

O episódio *La Paz* constrói sua narrativa através das Cholas –ou, carinhosamente, Cholitas–, senhoras “de várias etnias, aymaras, quechuas e outras” (Sumaya Prado)<sup>9</sup>, mulheres autóctones que estão pelas ruas *paceñas* com “vestidos incrivelmente volumosos, um sombreiro alto e o aguayo, que são telas, mantas super coloridas. Há uns quinze anos atrás havia forte discriminação social contra as Cholitas, elas não eram vistas ou apreciadas e incluídas como parte da sociedade” (Marsia Taha)<sup>10</sup>.

Apreciadas ou não, aceitas ou não, fato é que elas (re) conquistaram, a custo de muito sofrimento e batalha, um lugar no corpus social boliviano, elas se adaptaram —pois não haveria outra opção— às imposições imperialistas e civilizatórias, redefinindo-as, e se reinseriram no funcionamento urbano do país, e “estas mulheres são quem mantêm a cultura gastronômica viva” (Marsia Taha)<sup>11</sup>, são elas uma das grandes responsáveis por fazer o McDonald’s dar meia volta e volver, pois são elas quem sabem “cultivar a comida, decifrar as marcas do tempo-espaco e labutar<sup>12</sup> mundo afora, para além das contingências da história” (Cusicanqui, 2010, p. 15). Definitivamente são exemplos de *resistência secundária* (Said, 2011, p. 252), pois, invariavelmente, tentam reconstruir uma “comunidade estilhaçada, salvar ou restaurar

<sup>9</sup> Fala retirada do episódio em análise a partir dos 02 minutos e 33 segundos: Sumaya Prado é comunicadora social e crítica gastronômica, e se autodenomina amante da cultura boliviana e enamorada pela cozinha latino-americana.

<sup>10</sup> Fala retirada do episódio em observação a partir dos 02 minutos e 41 segundos.

<sup>11</sup> *Idem*: a partir dos 03 minutos e 21 segundos.

<sup>12</sup> No original em espanhol, o verbo é *trajinar*, para o qual não me pareceu possível encontrar tradução integral e que quer dizer “Ir de um lado a outro com qualquer ocupação ou atividade” (fonte: dle.rae.es/trajinar), definição que contempla muito melhor as Cholitas.

o sentido e a concretude da comunidade contra todas as pressões do sistema colonial” (Davidson, 1978, p. 155, citado por Said, 2011, p. 252); e se as olhamos como comerciantes, donas de suas pequenas vendas, empresárias da culinária de rua, pode-se complementar que as Cholas restauraram e salvaguardaram o sentido, o sabor e a concretude da comunidade contra as artimanhas do capitalismo neoliberal, contra um “monopólio” do ramo da comida e suas constantes benesses, ou seja, o McDonald’s perdeu com todas as armas na mão.

Ademais de resistência secundária, as Cholas representam também o que Edward Said chamou de *superposição de território*, posto que “precisaram trabalhar a um certo grau para recuperarem formas já estabelecidas ou pelo menos influenciadas ou permeadas pela cultura do império” (Said, 2011, p. 253), precisaram trabalhar para tomar a força um espaço físico que lhes pertenciam, logo, La Paz, como outras metrópoles latino-americanas, constitui-se como sucessivas superposições de territórios, uma cidade que se concebe nos tensionamentos e nos retalhos, uma mistura de (I) brutais usurpações e derrubadas de comunidades originárias *versus* processos de independência, reconquista e recuperação de sentidos; depois, (II) imperialismo e globalização *versus* redemocratização e decolonialidade; “por fim”, (III) higienização urbana *versus* modos de habitar dos setores populares; sem que necessariamente esses três embates e fatos históricos respeitem uma linearidade cronológica. As cicatrizes e as consequências de cada etapa ainda se refletem, até o tempo presente, em ações que, muitas das vezes, são concretas:

As vendas de rua eram proibidas, quando alguém armava um posto, a fiscalização de imediato ia demoli-lo. Os guardas municipais não me deixavam vender. [...] E agora, o que faço? Com que sobrevivo? Era tudo um desastre. [...] Mas pensei, ‘Emiliana, você tem o direito de trabalhar, ganhar e comer’ [...] e reclamei aos guardas municipais que me deixassem vender. (Chola Emiliana)<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Fala retirada do episódio em menção a partir dos 18 minutos e 40 segundos.

Que parte da história representavam/representam a fiscalização e os guardas municipais? A quem atendiam/atendem?: Às leis?: Por quem elaboradas? Que tipo de negócio se beneficiava/beneficia da falta de concorrência? Qual monopólio gostaria da ausência da comida de rua?

“La Paz, Lima [...] são expressões extremas desta nova ‘informalidade’, perseguida e não tolerada pelas autoridades locais, com o argumento da invasão do espaço circulatório, da insalubridade, [...] da competição desleal” (Dios, 2004, p. 2). Espaço, insalubridade e competição desleal? Nota-se uma retórica inflamada, já debatida aqui neste ensaio, em resumo: (I) os espaços estão sempre em disputa desde que o mundo é mundo, mas com requintes de crueldade e com registro somente após os processos de invasão, colonização e escravidão; (II) a ideia de insalubridade escapou há muito do seu espaço de aplicação previsto: “À luz da higienização, toda ambivalência e todo mistério são tomados como sujos” (Han, 2019, p. 19); (III) a competição desleal é de ordem totalmente invertida, pois os ambulantes não lançam mão de nenhum aparato burguês e de nenhuma benevolência estatal, ao contrário, sofrem com arbitrário controle, com operações de tolerância zero, com aplicações de infrações infundadas, em contrapartida, o comércio formal –particularmente as grandes franquias– recebe inspeção atenuada e conta com anuências para expandir suas lojas até o passeio com mesinhas, toldos e autopublicidade (Dios, 2004, p. 3).

À Dona Emiliana, na falta de emprego e horizonte, *salir a dar pelea* foi sim a luz no fim do túnel: “É um mundo no qual é preciso lutar [...] A luta me levantou do lodo.”<sup>14</sup>, falou, com propriedade de causa, a cholita, protagonista do episódio *La Paz em Street Food* (melhor dito, *Comida Callejera*). Emiliana –ou somente Emi, como ela mesmo sugere– é o fio condutor da trama, ela quem abre espaço a partir de sua história para que outras personagens, em sua maioria cholas, enunciem, da perspectiva do seu prato principal<sup>15</sup>, como

<sup>14</sup> *Idem*: a partir dos 22 minutos e 29 segundo [...] depois, 24 minutos e 59 segundos.

<sup>15</sup> “Se põe em evidencia a centralidade da comida e do labor produtivo da mesma na ordem cósmica indígena” (Cusicanqui, 2010, p. 22-23)

dobraram um lugar de vulnerabilidade para alcançarem o mínimo de dignidade possível, ainda que em detrimento da perda de um direito fundamental – o sono:

“Para mim não existe feriado [...] São trinta anos que trabalho com relleno de papa, e todos os dias, minha rotina de vida é igual: me levanto às duas da manhã para cozinhar [...] de domingo a domingo [...] Não há descanso agora e aqui. Sabe quem descansa? O morto. (Chola Emiliana)”<sup>16</sup>

Desde 1492, os povos originários –mal pronunciados *indígenas*– não dormem.

### (Sem) a cereja do bolo

No desenrolar do conto 1997, as criadas Norma e Betty (que sempre são citadas juntas como se fossem uma só pessoa) são mantidas na mesma contradição remuneração-exploração, já Lídia, a cozinheira –que tem seu nome mencionado doze vezes, mantendo a média de uma menção por página–, dá sinais de expansão que não necessariamente se resolvem, apenas sinalizam que ela, aparentemente, está um degrau acima em relação às outras duas, talvez pelos dez anos de servidão ou por ser quem alimenta a família, sendo parte de uma necessidade fisiológica e de sobrevivência; enfim, goza de um pequeno prestígio com pais e filhos, seja tendo momentos de relativa intimidade com a patroa ou de ira com a filha: “somente [ela] se atrevia a me direcionar a palavra dessa forma [deixou claro Analía]” (Colanzi, 2010, p. 14); mais do que isso, Lídia protesta e chega a ter voz no conto: “Todos querem algo diferente nesta casa [...] Não penso em colocar-me a cozinhar de novo”, contudo uma voz que sempre está denunciando um desgosto ou um maltrato: “Nunca posso ir dormir antes da meia-noite. Estou cansada” (Colanzi, 2010, p. 16), novamente o dilema do sono.

---

<sup>16</sup> Fala retirada do episódio em apreciação a partir dos 05 minutos e 42 segundos

Conforme a narrativa vai se descolando, saindo da casa e encontrando novos ambientes, as serviços vão ficando esquecidas, presas no território privado e desconhecido (Said, 2011); definitivamente, terminam as três demitidas, pois os negócios irregulares do patrão (pai de Analía) ruíram. A partir de então, cabe a nós inferir o que o destino reserva para elas.

Os contos seguintes do livro não perdem o fio da meada e prosseguem, em quase todos, com Analía como protagonista. Algumas das temáticas que orientam as tramas são juventude, paixão, pseudoliberdade, violência de gênero e deslocamento, sendo a última fruto da ida abrupta de Analía para Europa, a qual, no “Velho Continente”, relativiza sua própria brancura, pois “deixa de ser” branca e passa a ser *latina*. Os assuntos do livro *Vacaciones Permanentes* e suas variadas interpretações permitem discussões sobre sistema patriarcal, civilização, globalização-para-quem e questões sociais em disputa discursiva.

Entre Chola Emiliana, Dona Lídia e Analía é possível enxergar contextos e cenas em que as personagens se afastam, porém também em que se aproximam, bastou que Analía rompesse os limites do seu continente para confirmar isso: entre os colonizadores, ela passou a ocupar um lugar de subalternidade. Das três, o mais importante de se aproveitar são seus discursos, suas falas que, em menor ou maior grau, desvelam e delatam injustiças mundanas que estão registradas na conta da colonização e do imperialismo; por extensão, suas falas podem contribuir rumo a um feminismo descolonial (Lugones, 2014). Neste sentido, as artes literária e cinematográfica são muito bem-vindas, “o pós-imperialismo permite sobretudo um discurso cultural de desconfiança por parte dos povos ex-colonizados” (Said, 2011, p. 235), é o que promove *1997* e *La Paz*, um discurso “que veio a se tornar o nacionalismo antinômico do Terceiro Mundo perante o imperialismo ocidental, expressando antagonismo, e não cooperação.” (Said, 2011, p. 252). As obras discutidas ao longo deste trabalho superam o mero papel de reprodução da vida e passam a ser partes constituintes dela mesma, a ser o real – por que não?

O real só é admitido sob certas condições e apenas até certo ponto: se ele abusa e mostra-se desagradável, a tolerância é suspensa. Uma interrupção de percepção coloca então a consciência a salvo de qualquer espetáculo indesejável. Quanto ao real, se ele insiste e teima em ser percebido, sempre poderá se mostrar *em outro lugar*. (Rosset, 2008, p. 11)

Então, o real virá a manifestar-se, contraditoriamente de forma latente e pujante, nas artes: afinal, não nos esqueçamos do McDonald's: “É boa essa comida, senhora?” (Colanzi, 2011, p. 13), perguntou o motorista da família à mãe de Analía, e ela, “que se achava descendente de aristocrata” (p. 21), respondeu: “É uma porcaria” (p. 13).

## Referências Bibliográficas

- Colanzi, L. (2010). *Vacaciones Permanentes*. El Cuervo.
- Cusicanqui, S.R. (2010). *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Tinta Limón.
- Ramos de Dios, J. (2004). El gato y el ratón. Ambulantes urbanos y poder municipal (1). *Revista Arquitextos*, 46(04), <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.046/598>
- Han, B.C. (2019). *A salvação do belo*. Vozes, 2019.
- Lourenço, E. U. (2016). *O fenômeno da gourmetização*. Universidade de Brasília.
- Lugones, M. (2014) Rumo a um feminismo descolonial. *Revista de Estudos Feministas*, 22(3), 935-952.
- Milder, D. (2020). *Streetfood - América Latina: La Paz, Bolívia* [série documental - episódio 6]. Netflix ([netflix.com/watch/81177684?trackId=255824129](https://www.netflix.com/watch/81177684?trackId=255824129))
- Moreiras, A. (2001). *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. UFMG.
- Rosset, C. (2008). *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. José Olympio.
- Said, E. (2011). *Cultura e Imperialismo*. Companhia de Bolso.